

# REVISTA ECO-PÓS

<http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php/revista/index>



---

## Localismo e Desbravamento do Brasil: Duas Dimensões do Espaço na Cobertura Jornalística de Esportes Radicais

Rafael Fortes Soares

*Revista Eco-Pós, 2010, v. 13, n. 2, pp 143-162*

A versão online deste artigo está disponível em:

<http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php/revista/issue/view/24>

---

Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

### Informações adicionais da revista Eco-Pós

sobre: <http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php/revista/about>

e-mail: [ecopos.ufrj@gmail.com](mailto:ecopos.ufrj@gmail.com)

### Política de Acesso Livre

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização do conhecimento.



# Localismo e Desbravamento do Brasil:

## Duas Dimensões do Espaço na Cobertura Jornalística de Esportes Radicais

Rafael Fortes Soares<sup>1</sup>  
Unirio, UFMG

### RESUMO

O trabalho discute a forma como o localismo e as viagens pelo litoral brasileiro aparecem na revista *Fluir* durante os anos 1980. Analisa a maneira como a publicação trata o fenômeno do localismo em relação ao surfe e ao skate. Em linhas gerais, ele é criticado como prática que ameaça o desenvolvimento e crescimento das modalidades no Brasil. Por desbravamento do Brasil, o artigo refere-se à maneira como as reportagens abordam o surfe em diferentes praias da costa nacional, especialmente no Sul e no Nordeste. Do ponto de vista teórico, dialoga-se com conceitos como espaço, lugar e local.

### PALAVRAS-CHAVE

Revista *Fluir* • Esportes Radicais • Mídia Impressa • Espaço

Bem, tão logo comecei a surfar, fui imediatamente apresentado à “lei do pico” e não demorou muito para que eu entendesse, pois a cada onda que eu ‘rabeasse’ alguém, era no mínimo uma cara feia, um palavrão ou mesmo

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e do Programa de Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisador do Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ). Editor-executivo de *Recorde: Revista de História do Esporte*. Atualmente realiza pós-doutorado em História no Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC) da UFRJ.

um cascudo por parte do 'rabeado'. E assim fui aprendendo a conviver com essa norma e também impondo meu direito sobre a posse da onda.<sup>2</sup>

O surfe é um esporte limitado geograficamente pois, salvo em formas alternativas específicas,<sup>3</sup> é praticado no litoral, em praias ou áreas que possuam ondas e condições apropriadas (quanto a acesso, poluição etc.). A qualidade das ondas é fator decisivo na descrição e hierarquização, pelos praticantes e pela mídia, das praias e dos lugares (pois nem sempre as ondas quebram próximas à areia) ao redor do mundo. Observa-se, portanto, que o espaço é classificado e utilizado a partir de referenciais *humanos* e não apenas por suas características *naturais*. Daí, acredito, a importância de se travar um diálogo com a Geografia.

Em minha tese de doutorado, que teve a revista de surfe *Fluir* como objeto empírico principal, um dos pontos destacados foi o destaque dado pelo veículo ao surfe competitivo e às viagens – a ponto de praticamente resumi-lo a estes dois aspectos. Mas por que o surfista viaja? Existem diversas respostas. De uma maneira geral, pode-se dizer que o faz em busca de boas ondas. Entre as razões específicas que aparecem em *Fluir*, pode-se listar: a) espírito de aventura; b) valorização simbólica das viagens na subcultura do surfe; c) escapar do *crowd*;<sup>4</sup> d) escapar da poluição; e) surfar ondas consistentes e regulares (válido sobretudo para idas ao exterior); f) aprimoramento técnico (melhorar a qualidade do surfe); g) seguir o *real espírito do surfe*; h) realizar o sonho de todo surfista (no caso da ida ao Havaí); i) caráter sazonal da oferta de ondas.<sup>5</sup>

Dentre as questões levantadas e analisadas quanto à abordagem do

---

2 “E o ‘Crowd’ continua...”, Motaury Porto, *Fluir* n. 7, dez 1984, p. 128.

3 Piscina, rio, lago, atrás de navios, alto-mar – um inventário pode ser encontrado no filme *Step into Liquid*.

4 Grande quantidade de surfistas dentro d’água. O *crowd* acirra a disputa pela descida das ondas, podendo levar a brigas e outras formas de violência, além de, em situações extremas, inviabilizar o surfe.

5 Em geral, o inverno é época de boas ondas, fazendo com que, no caso do Brasil, Fernando de Noronha, que se situa no Hemisfério Norte, se apresente como opção de verão: “é a época das grandes ondas e dos ventos terrais constantes.” Aldhemar J. Freitas Filho (Deminha), “Fernando de Noronha”, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 18.

espaço em *Fluir*, este artigo se debruça sobre duas: localismo e viagens com o objetivo de *desbravar* o Brasil. Ele se inicia com uma breve apresentação de conceitos da Geografia como lugar, espaço e local, importantes para pensar os deslocamentos e as forças sociais que atuam em processos como a globalização, articulando-os a práticas e valores da subcultura do surfe. Desta forma, pode-se perceber que as formas de apropriação – física ou simbólica – do espaço encontram-se no cerne do localismo e das viagens, dois aspectos cruciais da subcultura. No primeiro caso, a prática em grupo e os sentimentos de posse em relação às ondas – agravados em circunstâncias como o *crowd* e as temporadas de férias – produzem reações em relação aos *de fora* que vão desde respeito consentido até franca hostilidade (incluindo agressões físicas). Em que medida estas disputas podem ser relidas nos marcos da relação entre local e global? A primeira seção debate o fenômeno do *localismo*, observado em todo o mundo. De que maneira se trava, se medeia e se resolve o conflito localismo x globalização? Como se coloca, na mídia do surfe, a relação entre, de um lado, os referenciais éticos de convivência humana, a degradação ambiental e a perspectiva dos *locais* de respeito à natureza e, de outro, a utilização das ondas por forasteiros e praticantes casuais? Na segunda parte, discute-se o *desbravamento*, por meio do qual se realçam e revelam os mecanismos implícitos e explícitos pelos quais a centralidade de São Paulo rege a pauta da revista e o olhar lançado sobre o esporte e o litoral brasileiro.

## Localismo

Antes de entrar na discussão propriamente dita sobre o localismo, considero útil abordar alguns conceitos trabalhados pela Geografia, de forma a melhor situar as espacialidades (dimensões espaciais de um fenômeno) presentes na subcultura midiática do surfe<sup>6</sup> construída em *Fluir*.

Santos (2002) propõe pensar o espaço em interação e integração com o ser humano, superando as visões que o tratam como algo isolado ou existente por si só. O espaço geográfico é produzido pela sociedade, e não

---

6 Para uma discussão e definição de subcultura midiática do surfe, ver Fortes (2009, p. 152-62).

apenas dado ou criado pela natureza (Moreira, 1998). Portanto, por *espaço geográfico* compreende-se a natureza acrescida dos significados históricos (políticos, econômicos, simbólicos) a ela atribuídos pelas sociedades humanas. Mesmo os espaços “naturais” são apropriados pelos seres humanos (Moreira, 1998; Santos, 1985). Além disso, as experiências frente ao espaço e ao tempo são culturalmente determinadas – o simbólico influencia a percepção que se tem de ambos (Moreira, 1998). Um exemplo é a atribuição da condição de *sagrado* a determinado lugar, o que fará com que a percepção dele por parte de quem assim o considera – e mesmo de quem não o faz, mas pode impressionar-se com tal condição – seja impregnada pelo simbólico. Para muitos surfistas, por exemplo, a experiência de surfar certas ondas e lugares considerados *sagrados* – notadamente o Havaí – ganha dimensões especiais.

O espaço total é o espaço real. Fracioná-lo significa realizar uma abstração (Santos, 1985, p. 18). Para efeito de análise, pode-se dividi-lo em global (que inexistente na prática), nacional, regional e local (Santos, 2002, p. 110). Contudo, o crescente papel da mídia na “uniformização dos hábitos em escala planetária” (Moreira, 1998, p. 10) e a “difusão generalizada das técnicas e da informação” contribuem para tornar os lugares locais e globais, articulação que resultou no neologismo *glocal*, que busca dar conta da forma como os estímulos globais são modificados por influência local. A questão é o quanto há de cada elemento (global e local) nos lugares a serem analisados e o que se quer enfatizar na análise. Opõem-se “espaços adaptados às exigências das ações econômicas, políticas e culturais características da globalização e outras áreas não dotadas dessas virtualidades”. Em outras palavras, a globalização neoliberal carrega consigo exigências às quais uns espaços se adaptam (em grau e forma variados), outros não (Santos, 2002, citações às p. 81-2; 1994). Milton Santos (2003) denominou globalitarismo esse processo regido pelo pensamento único.

O lugar, por sua vez, é o pedaço (ponto) do espaço apropriado pelo indivíduo ou grupo. O uso e a atribuição de um significado ao espaço fazem dele um lugar. Este diz respeito ao plano do *vivido*, do cotidiano, do compartilhado. Portanto, é “produto das relações humanas” e por elas definido (Carlos, 1996, p. 29; Damiani, 1999). As inovações tecnológicas nos transportes e nas

telecomunicações contribuem para a aceleração do cotidiano, configurando temporalidades e espacialidades hegemônicas, às quais as pessoas e grupos respondem com suas próprias formas de vivência. Neste contexto, o lugar se converte em espaço de solidariedade e de resistência (Santos, 1994, 2003). Nas palavras de Milton Santos,

Na Ásia, na África e mesmo na América Latina, a vida local se manifesta ao mesmo tempo como uma resposta e uma reação a essa globalização. Não podendo essas populações majoritárias consumir o Ocidente globalizado em suas formas puras (financeira, econômica e cultural), as respectivas áreas acabam por ser os lugares onde a globalização é relativizada ou recusada (2003, p. 152).

Embora este artigo trate majoritariamente de surfe, o melhor exemplo das tensões colocadas entre o local e o global e entre tradição e modernidade (ou pós-modernidade, como prefeririam certos autores) é a reportagem sobre o Terceiro Campeonato Brasileiro de Skate (em 1984) – tanto pela maneira como enfoca os acontecimentos quanto por estes em si.<sup>7</sup> Principal competição da modalidade no Brasil à época, realizava-se no município paulista de Guaratinguetá. A abertura do texto apresenta a cidade como um lugar pequeno e pacato, de 85.000 habitantes, com nome de origem tupi. Contudo,

[...] a maioria de sua população urbana é jovem e ativa.

Para esses mesmos jovens existem apenas dois lugares para se divertir, o Clube Literário e o Itaguará Country Club.

O Itaguará, porém, consegue vencer seu concorrente com uma atração especial: uma pista de skate. Uma vez ao ano (às vezes duas) a cidade pára por causa do skate. É como se fosse uma invasão, verdadeiras hordas oriundas de todas as partes do país se aglutinando e mudando a imagem da pacata cidade que a cada campeonato se transforma.

E isto já vem se tornando tradição em Guará, onde os poucos hotéis [...] lotam. Bares e restaurantes ficam repletos, e seus donos atônitos com toda essa multidão com fome de leão: abre-se assim um clima de confronto entre o tradicional e o ultra-moderno.

A riqueza do relato é notável. Em primeiro lugar, a oposição entre a cidade pacata e a juventude “jovem e ativa”, que escolhe o skate como opção de divertimento – na disputa de clubes, o esporte supera a literatura –,

7 “3º. Brasileiro de Skate – Guará”, Paulo de Oliveira Brito, *Fluir* n. 5, jul 1984, p. 74-7.

aproveitando a incomum existência de uma pista em um município daquele porte.

Segundo, as *invasões bárbaras* que ocorrem a cada campeonato, contrastando com o ritmo de vida interiorano. A quantidade e os hábitos do público que abarrota os estabelecimentos comerciais criam “um clima de confronto entre o tradicional e o ultra-moderno” – este, claro, representado pelo skate e seus praticantes. As categorias temporais utilizadas pelo autor se traduzem em disputas concretas – desconfianças, no mínimo – no espaço. Por outro lado, os comerciantes locais se beneficiam do movimento intenso, facilitado pela localização estratégica às margens da Rodovia Presidente Dutra, a cerca de metade do caminho entre Rio de Janeiro e São Paulo.

A apropriação do espaço pelos forasteiros começa pela utilização da forma reduzida, íntima e carinhosa – “Guará” – para referir-se a ele. Do simbólico, passam rapidamente ao material. As “hordas” que se “aglutinavam” estabeleciam relações entre si: “o sub-comércio do skate também acontecia, e por todos os lados via-se um skatista vendendo (ou trocando) suas camisetas, shapes, eixos, chaveiros ou simplesmente distribuindo adesivos”. Chama a atenção o uso do prefixo “sub”, difícil de se observar nas fontes brasileiras que tratam de esportes radicais. Como discutido em minha tese de doutorado, *sub* pode ser lido tanto como *inferior* quanto como *alternativo*, *subterrâneo* (pouco perceptível, mas não inferior em termos de relevância, estética etc.). Instala-se um mercado autônomo em que os próprios entusiastas compram, vendem e trocam produtos. A realização de um campeonato de alcance nacional abre a oportunidade para o encontro destes jovens – e o encontro, como ressalta Milton Santos, só é possível no lugar.

Passando à competição, a reportagem cita categorias em disputa, principais participantes, juízes, reclamações sobre resultados e “ausência de muitos prêmios oferecidos pelos patrocinadores”. O público disputava lugar para assistir às provas e ao que acontecia em volta:

Punkalizando e andando, Tijolo (S.P.) fez uma apresentação bem humorada [...]

As finais do *Bowl riding* foram realmente um espetáculo apoteótico. Câmeras das diversas redes de televisão presentes (Globo, Bandeirantes e Gazeta) se

confundiam com a multidão de fotógrafos e skatistas que se plantavam em cima do bowl. E a música não pode ser esquecida. Afinal, o batalhão de punks, moicanos e hardcore horrorizavam a platéia, dançando “pogo” nas arquibancadas ao som de Camisa de Vênus. E cada skatista tinha seu próprio som para efetuar sua rotina. De repente, começa a tocar uma música de Oingo Boingo, e o Prof. Dr. Anshowinhas não deixou por menos, não se conteve e começou a dançar no bowl, e todo o público com atenção acompanhava seus movimentos.

O comportamento dos skatistas, de membros da platéia e do próprio autor do texto (“Prof. Dr. Anshowinhas”) chamava a atenção do restante do público e das lentes da imprensa. A presença maciça de espectadores e de equipes de TV é destacada. A música – estilos e ritmos específicos, como o punk e o rock – desempenha papel central nas performances do atleta (que escolhe a canção tocada no sistema de som durante sua performance) e do público. As duas referências à dança aparecem acompanhadas das reações do público e relacionam a *autenticidade* da performance à preocupação em notar sua recepção pelos que estão em volta. A diferença, neste trecho, é marcadamente cultural, entre os que “horrorizam” e os “horrorizados”. Ao contrário dos primeiros, os últimos não são identificados. Seriam a população local? Não é possível saber ao certo, na medida em que inexistiu associação entre esta e a “platéia”.

O último trecho a destacar segue falando de dança e música e retoma o conflito entre “tradição” e “ultra-moderno” em contexto diverso: a festa de encerramento.

Noite da New Wave no Itaguará, ligeiro tumulto na entrada.

Alguns punks horrorizavam o pessoal local (não skatista), que por sua vez prometia revanche. Mesmo assim a festa rolou noite adentro [...]

As músicas do Camisa de Vênus eram excessivamente tocadas e um altamente enérgico ‘Pogo’ que parecia mais ‘Island’ era dançado pelos skatistas, fazendo seu estilo predominar na festa.

Mas nem todos conseguiam entender porque esses garotos tinham de ficar chutando o ar e pulando de lá para cá, e foi daí que surgiu a ira de muitos outros jovens da cidade, que eram mais tradicionalistas e recusaram-se a aceitar tal comportamento.

São 4 horas da manhã de terça-feira, todos começam a sair da festa-baile, e há uma sensação pairando no ar. A adrenalina puxa seus nervos até o céu, e a cidade parece que vai explodir, e ela irá explodir, já! Numerosos grupos de jovens locais atacam os punks, e os skatistas também entram na confusão que se faz total.



No final, o saldo: diversos skatistas feridos, um carro tombado e amassado (de Carlos Nóia, do Rio) e muita insegurança. Isto, sem dúvida, o mais grave ocorrido. No mais, SKATE or Die.

O tumulto começa antes mesmo da festa – esta, ao som do *new wave*, ritmo da moda. Pelo contexto, não é possível saber se, além do estilo de dançar, os punks faziam algo mais para “horrorizar” as pessoas do lugar. Porém, se estas prometiam revanche, é sinal de que reprovaram tal atitude. Note-se a preocupação de identificar os horrorizados: os guaratinguetaenses “não skatistas”. Segundo a matéria, a inserção no esporte permite a compreensão do estilo de vida decorrente dele – incorporar, apropriar-se de, ressignificar o “ultra-moderno” ou globalizado no local –, ao passo que os que se recusam a aceitá-lo são considerados “mais tradicionalistas”. Configuram-se as duas saídas principais para lidar com os impulsos globais no plano local: reapropriar/relativizar ou recusar. A reação contra o estilo de dançar formando *rodas de pogo*<sup>8</sup> e o comportamento geral dos skatistas é explicada como fruto de incompreensão. Na briga entre jovens locais e punks, rapidamente incorporando os skatistas, não se sabe que atitude tomaram os skatistas locais.

Passemos ao litoral. A praia freqüentemente constitui-se um lugar de disputas. No que diz respeito ao surfe, o fenômeno principal chama-se *localismo*. O próprio nome indica a íntima relação entre a prática e a questão espacial. Trata-se de uma manifestação do lugar, apropriado pelos surfistas como *seu*, o que gera regras e restrições quanto ao uso pelos *de fora* ou *não-habituais* (Souza, 2003, p. 78-9). O trecho a seguir sintetiza, de forma compreensiva, o localismo:

Algumas praias do litoral fluminense já são bastante freqüentadas pelos surfistas. Entre elas destaco a praia de Itacoatiara em Niterói, a praia de Itaúna em Saquarema e a Praia do Forte em Cabo Frio. Nessas praias, como em muitas outras, os surfistas exercem um forte localismo, e por mais que a maioria dos surfistas freqüentem diversas praias, há em cada uma delas um grupo que se auto denomina de *local*. Esses grupos de surfistas locais se encarregam, através de uma rede de relações, de garantir que eles tenham o “direito” de surfar as ondas dos seus respectivos “lugares”, e a presença de estranhos é tolerada desde que estes respeitem os *locais* (Cunha, 2000, p. 102).

---

8 Mistura de dança e brincadeira em que os participantes formam um círculo e o atravessam ou se mantém em seu interior, trocando encontrões, “chutando o ar e pulando de lá para cá”.

O fenômeno se espalha por praias ao redor do globo. Desta maneira, as viagens ao exterior possibilitam a articulação da subcultura do surfe com as culturas nacionais e a discussão da inserção da nacionalidade brasileira nas relações internacionais, como neste relato:

Os brasileiros, por algum motivo inexplicável, todos querem conhecer, principalmente os mexicanos, que nos tratam de maneira muito carinhosa (somos latinos, somos hermanos!, nos diziam). Já com os norte-americanos esse tratamento é completamente diferente: parece que os mexicanos jamais esquecerão a guerra havida entre os dois países no século passado, quando os americanos tomaram mais da metade do território mexicano [...]. Os Americanos [sic] são os únicos que são chamados de GRINGOS, de uma maneira que não disfarça um certo rancor. E o reflexo disso: quando os locais entram na água, os GRINGOS tem que sair. Nós, ao contrário, surfávamos a qualquer hora.<sup>9</sup>

A passagem articula passado, pessoas comuns e os códigos que regem o comportamento no mar. Busca explicação histórica para a má vontade com os estadunidenses, ao mesmo tempo que considera “inexplicável” o comportamento dos mexicanos, mesmo após estes dizerem que são irmãos latinos dos brasileiros. Apesar do retrato simpático dos locais (traço típico das matérias de viagem), neste ponto *Fluir* está em consonância com a notória cegueira da maior parte do jornalismo brasileiro em relação à América Latina, não considerando o país parte dela e estranhando a admiração e carinho nutridos em relação ao Brasil e aos brasileiros.

Ademais, o trecho evidencia que as formas assumidas pelo localismo guardam peculiaridades. No caso, os estadunidenses, cuja frequência à área é grande (pela proximidade física) e o país de origem tem um histórico de guerra com o México, são obrigados a sair do mar, ao passo que os brasileiros, de um país distante, mas considerados irmãos dentro da Pátria Grande latino-americana, têm liberdade para surfar quando quiserem.

O localismo e a demonstração de que alguém é indesejado podem manifestar-se através de um simples olhar (Souza, 2003, p. 45). Em locais e situações *barra pesada*, chega às vias de fato e à expulsão dos visitantes indesejáveis. O futuro campeão brasileiro de surfe profissional Tinguinha Lima narrou uma experiência:

---

9 “México – Puerto Escondido”, Alfredo Bahia e Bruno Alves, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 35.

A primeira vez que fui pro Sul, foi no começo de 82 [...] para a praia da Guarda e tava cheio de carioca em cima das pedras, não conhecia ninguém [...] mas aí eu peguei a 1ª onda, um carioca me rabeou, e eu caí. Veio a 2ª onda e eu caí de novo! [...] O carioca que me rabeou nessa, saiu na gargalhada. Mas então, pintou uma série, encavalou uma onda em cima da outra, este dia tava um pouco grande, a rapaziada tudo no raso, peguei um tubo mais ou menos em pé, até o fim. Aí a rapaziada começou a respeitar.<sup>10</sup>

Portanto, o localismo podia ser exercido até por moradores de fora e, em certas condições, o bom desempenho construía um caminho para adquirir respeito e superá-lo. Souza (2003, p. 78-9) relata a existência de localismo entre frequentadores de praias situadas a poucos quilômetros de distância uma da outra em Florianópolis (SC). O depoimento de Tinguinha dá conta de uma das práticas de intimidação usadas pelos adeptos do localismo: “rabear”. Quanto ao Rio de Janeiro, afirmava que “o pessoal olha meio tortinho... mas nunca houve grandes problemas”.<sup>11</sup>

Ao mencionar as praias de Itajaí (SC), a primeira matéria extensa sobre o litoral da Região Sul lamentava:

É uma pena que em certos dias o surf seja prejudicado, nestes ótimos points, pela presença de pessoas que se dizem surfistas, mas ainda carregam a ignorância e agressividade de alguns trogloditas. É claro que muita gente, do próprio lugar, se esforça para modificar essa mentalidade. Nós da FLUIR, Surf More e Holysport apoiamos todo e qualquer esforço que venha acabar com o localismo em qualquer parte do Brasil.<sup>12</sup>

Apesar de se colocar como um espaço aberto ao diálogo e não se pretender dona da verdade ou vanguarda, a revista adota posição clara e taxativa frente ao localismo. Veda qualquer ambigüidade, discussão ou

---

10 Entrevista de Tinguinha a Bruno C. Alves, *Fluir* n. 3, mar 1984, p. 27.

11 Entrevista de Tinguinha a Bruno C. Alves, *Fluir* n. 3, mar 1984, p. 28. Na primeira metade dos anos 1980 havia localismo em praias do Rio de Janeiro como o Quebra-Mar (Barra da Tijuca). Contudo, segundo Júlio Adler, “raramente tinha problema de violência lá. O jiu-jitsu ainda não tinha chegado. Nem essa política primitiva que impuseram no pico hoje em dia.” “Confira entrevista exclusiva com Júlio Adler”, entrevista a Claudio da Matta, *Surfe Pensado* (blogue), 30/8/2005. Disponível em <http://surfepensado.blogspot.com/2005/08/confira-entrevista-exclusiva-com-julio.html>. Acesso em 12/2/2009.

12 “Expedição Sul”, Alberto C. Alves e Edison Leite, *Fluir* n. 7, dez 1984, p. 69. A praia de Atalaia (Itajaí, SC) é um exemplo famoso de localismo no sentido de franca hostilidade em relação aos de fora. O fenômeno já resultou em “carros que foram quebrados, haoles que foram apedrejados e até o palanque de um campeonato foi jogado na água”. Segundo o presidente da associação de surfistas do município, “o localismo no Atalaia começou em 1972, quando os paulistas e cariocas botaram os itajaienses para correr”. Ou seja, de acordo com a explicação, o localismo feroz teria sido causado pelo comportamento agressivo e abusado dos surfistas de fora em relação ao pessoal do lugar, levando a uma reação proporcional em direção contrária. “Good night little devil!”, Fhabyo Matesick, *Alma Surf* n. 40, set-out 2007, p. 136-40.

interpretação sobre o fenômeno, enquadrado como um mal absoluto que precisa ser extirpado. Os adeptos do localismo são desqualificados em função de sua atitude e agressividade e excluídos do debate. No material empírico analisado – todas as edições publicadas nos anos 1980 disponíveis no setor de periódicos da Biblioteca Nacional –, encontrei *duas* exceções. Primeiro, a citação demonstrando espanto e incompreensão em relação ao localismo dos mexicanos (em Puerto Escondido), que expulsam da água os estadunidenses e franqueiam o acesso dos brasileiros. Segundo, *uma* entrevista – não por acaso, com irmãos havaianos – contendo uma dose de relativismo cultural, de forma a compreender e explicar o fenômeno, em vez de simplesmente julgá-lo e condená-lo. Salvo por estes casos, inexistiu qualquer debate aberto sobre o assunto e ninguém que se assumia adepto do localismo foi entrevistado ou teve espaço para opinar. No máximo, um ou outro surfista repetia a máxima “respeitar para ser respeitado”.

Observa-se, portanto, uma interdição do debate, a qual opera em dois níveis. No primeiro, o localismo é apagado: fenômeno comum e importante do surfe, raramente aparece. No segundo nível, quando o tema é pautado, aparece como mal absoluto, sem margem a ambigüidades ou a um debate que dê voz a possíveis intérpretes e defensores do fenômeno.

Neste ponto, é interessante pensar o contraste entre a representação que a revista constrói do surfe como uma prática globalizada, atraente, saudável e positiva e a apropriação e reação efetivamente levada a cabo pelos freqüentadores assíduos de certas praias. Proponho pensar o surfe em si e a circulação de seus adeptos pelo mundo como um exemplo de fenômeno potencializado pela globalização capitalista (possibilidades de arranjo de viagens e de conhecimento prévio de condições climáticas proporcionados pelas tecnologias; oferta de linhas aéreas interligando países e continentes etc.). O esporte e a subcultura americanizados e permeados pela lógica do lucro das grandes empresas difundidos por *Fluir* esbarram nas apropriações locais. Na convivência diária e íntima do lugar, os freqüentadores estabelecem uma experiência comum, a qual é ignorada na cobertura do surfe realizada pela revista. As explosões de violência por parte dos locais seriam ocasiões em que o

choque entre dois *etos* conflitantes atinge seu auge e não é resolvido por outras vias, como o diálogo e a política. Pode-se imaginar o impacto que teriam sobre o processo de profissionalização e comercialização do surfe nos anos 1980 episódios como os protagonizados pelos locais de Atalaia e os relatados por Gutenberg (1989, p. 96): em 1974, revoltados com o julgamento realizado pelos árbitros de um campeonato, surfistas de Santos (SP) atearam fogo ao palanque durante a madrugada. Sobraram apenas cinzas.

*Fluir* tendeu a criticar os problemas pontuais e de solução relativamente rápida do surfe, ao passo que as dificuldades de fundo estiveram pouco presentes em suas páginas (Fortes, 2009). O localismo vem se somar a este rol. O anti-localismo de *Fluir* relaciona-se a uma postura globalizante em que o consumo do esporte – ou, nas palavras de Fontenelle (2005), a “experiência” de consumir – ocupa lugar relevante.

O Havaí constitui o caso único em que o localismo é abordado com ponderação, permeada por certo relativismo cultural. A despeito das críticas sobre os havaianos por suas atitudes, enquadra-se o fenômeno mais como questão cultural do que banditismo. Talvez por se tratar do mitológico arquipélago, reverenciado como origem e meca<sup>13</sup> do surfe, o localismo de lá seja visto com uma dose de tolerância – um mal *inevitável*, por assim dizer.<sup>14</sup>

As brigas referentes ao localismo são apenas uma parte de um aspecto bastante presente na subcultura do surfe, sobretudo nas praias e bairros adjacentes: as rixas entre surfistas (indivíduos); entre grupos/gangues de bairros diferentes (às vezes de um mesmo bairro); entre os locais e os de fora. A atribuição de valor aos atos e comportamentos destes grupos – considerá-los

---

13 Tomo a liberdade de utilizar, por analogia, a cidade central do Islamismo, berço de Maomé, para a qual milhões de fiéis convergem anualmente para cumprir a *Hajj* – peregrinação a Meca numa época específica do ano, a qual, respeitadas certas condições, todo muçulmano deve realizar ao menos uma vez na vida. Guardadas as devidas diferenças entre a crença numa religião e o pertencimento a uma subcultura esportiva, creio não ser de todo despropositado enxergar, metaforicamente, semelhanças entre a prescrição do Islão a seus adeptos e a maneira como surfistas e a mídia do surfe se referem à *necessidade* de comparecimento ao Havaí durante a temporada de inverno.

14 No plano internacional, a importância do esporte para a identidade e o orgulho nacionais aparece em várias modalidades (como futebol, rugby e basquete) nas quais atletas e equipes de regiões que não constituem Estados-nação *de fato* (como Palestina, Irlanda do Norte, País de Gales, Escócia e Porto Rico) competem sob nacionalidade e bandeira próprias, recusando as do dominador. No surfe, taitianos, havaianos, porto-riquenhos e bascos, entre outros, competem enquanto tais. O esporte tem particular importância para a identidade havaiana.

*rebeldia* ou conduta criminosa (violência) – guarda relação com a classe social a que pertencem. Quando se trata de jovens de classe média, como ocorre com frequência no Brasil, a tendência é que os conflitos sejam enquadrados da primeira forma. Já em casos como o do grupo de surfistas conhecido como Bra Boys, locais da praia de Maroubra, em Sydney (Austrália), a abordagem principal pelas autoridades e pelos meios de comunicação é bem diferente – os jovens são enquadrados como bandidos.<sup>15</sup> O duplo padrão de tratamento relaciona-se com o discurso ambíguo da subcultura do surfe nos últimos anos, o qual, de acordo com Booth (2001), radicaliza o estímulo à competitividade e à agressividade, ao passo que mantém a condenação da violência explícita entre seus membros ou dos mesmos com relação a outros grupos.

### **Descobrimo e desbravando o Brasil**

As primeiras edições trouxeram reportagens com a proposta de mostrar áreas de surfe – e suas condições – situadas no Nordeste: a costa da Bahia ao Ceará e Fernando de Noronha. Um dos recursos largamente utilizados aliava a descrição da onda à comparação com outras. A Praia do Francês (Maceió, AL) continha “as melhores ondas nordestinas, quebrando sessões superperfeitas a cerca de 400 m da praia e sobre um tapete de coral que lembra Nusa Doa, em Bali, ou qualquer outro point do Índico ou Pacífico”; em Fernando de Noronha, a Praia da Conceição “lembrava Puerto Escondido no México” e o vento da ilha, constantemente terral no verão e maral no inverno,

---

15 Naquele país, o envolvimento de gangues de surfistas em brigas com outros grupos data desde pelo menos o início dos anos 1960 (brigas com os *rockers*, uma subcultura juvenil da classe trabalhadora cujos membros, revoltados com o desemprego e o estilo esbanjador dos jovens de classe média e alta, vagavam pelas praias agredindo surfistas) e insere-se numa longa história de conflitos com autoridades e classe dominante (Booth, 2001, p. 108; Stranger, Mark. Article about surfing. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por correio eletrônico em 31/7/2007). Booth (2001, p. 108) afirma que os “surfistas também deram a esse antagonismo de classe uma dimensão espacial distinta ao marcar as praias como seu território.” Sobre os locais de Maroubra, ver o documentário *Bra Boys*, que os apresenta como um grupo de jovens pobres que, desde criança, se juntaram para lutar pela própria sobrevivência em meio a lares desfeitos, uso de drogas, ameaças de gangues e conflitos com a polícia. Dirigido e produzido por membros do grupo, expõe o localismo bravo como uma reação às gangues que iam à praia agredir e esfaquear surfistas nos anos 1990. Um dos notáveis contrastes entre a realidade australiana e brasileira é que lá, malgrado a especulação imobiliária, continuam existindo bairros pobres na beira de praias oceânicas, uma realidade impensável em cidades como Rio de Janeiro e Niterói (RJ).

“funciona como Bali na Indonésia”.<sup>16</sup> A comparação como recurso descritivo – comumente utilizando nomes de ondas e praias do exterior para explicar como é uma determinada onda – implica que a compreenderá melhor quem conhecer o lugar ao qual ela se refere (seja porque surfou lá, ouviu histórias ou adquiriu referências via mídia). Na verdade, o método revela a presunção de que o leitor conhece as ondas utilizadas como referência, ou seja, é um iniciado.

As matérias sobre o Nordeste se somam a outros indícios de que o leitor-alvo é primordialmente morador da cidade de São Paulo. Eles aparecem sobretudo nos primeiros meses: a) o fato de a maior parte dos anunciantes que publicam seu endereço estarem sediados no município, principalmente lojas; b) divulgação de eventos como a “festa do Caramelo”, promovida em São Paulo por um anunciante que prometia “distribuição de brindes [...] filmes de surf, concurso de dança, desfile de modas, Free-Food e muita descontração”.<sup>17</sup>

Ao registrar a inauguração da “primeira pista PRO do país”, no Morumbi (São Paulo), informou: “você já pode ir praticando pois a pista está aberta ao público diariamente, sendo exigidos equipamentos de segurança”.<sup>18</sup> A recomendação deixa claro que o leitor a quem se dirige reside na capital ou próximo a ela, possui uma bicicleta de bicicross e equipamentos de segurança (artigos caros) e meios para levá-los ao bairro de classe alta paulistano, cujo acesso não é dos mais fáceis. Somando estes aspectos à dificuldade – muitas vezes impossibilidade – de transportar os equipamentos necessários à prática dos esportes radicais (com exceção do skate) através do sistema público de transporte, percebe-se o caráter de classe implícito nas observações.

A ênfase em São Paulo e as conseqüentes limitações de espaço para a cobertura dos demais estados chamou a atenção de leitores. O jovem surfista catarinense David Husadel escreveu para elogiar a publicação e reclamar da cobertura da Região Sul:

o Sul é palco de grandes campeonatos nacionais, tanto a FLUIR quanto a Visual, cobrem estes campeonatos, mas só fazem isso no Sul. A minha reivindicação é a seguinte: a) No SUL não existe só OLYMPIKUS; b) No SUL há surfistas; c) NO

16 Aldemar J. Freitas Filho (Deminha), “Fernando de Noronha”, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 16-20.

17 “Toques”, *Fluir* n. 3, mar 1984, p. 11.

18 “Toques”, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 66.

SUL há ÓTIMAS ondas; d) Porque não fazer reportagens aqui?<sup>19</sup>

[Resposta de *Fluir*] Aí David, adivinha só o que vem por aí no número 7?

A crítica nada tem de superficial. Trata-se de um questionamento de fundo, solicitando a realização sistemática de coberturas do litoral sulino. Tal mudança implicaria revisão de critérios editoriais e alteração nas escolhas de pauta e nas rotinas produtivas. Contudo, *Fluir* a encara como mera reivindicação de visibilidade, o que fica claro com a matéria da edição seguinte e a resposta de apenas uma linha. Longe de ser exceção, a postura constitui regra na relação da maior parte dos veículos de comunicação com o público: colocam-se como espaço aberto, mas as considerações dos leitores só podem ir até certo ponto. Em muitos casos, críticas de fundo sequer são publicadas. Mesmo quando vêm a público, é praticamente impossível encontrar uma resposta – quando *há* resposta – que explique as opções editoriais, as rotinas produtivas etc. Via de regra, os veículos falam sobre diversos assuntos em sua pauta, exceto um, cuja presença é inteiramente interdita: eles próprios, suas posições e escolhas.

A capa do número sete, mencionado na resposta à carta, estampou: “Expedição Sul”. A matéria considerava necessário “viver um ano ou mais no Sul para surfar e fotografar a todos” e saudava o fato de que “em todos os lugares se encontra sempre um sorriso amistoso e uma boa acolhida da gente finíssima que vive ali”, aparentemente relevando a menção ao localismo feroz de Itajaí.<sup>20</sup> Em 1989, um dos primeiros números de *Skatin’* (publicação da mesma editora e com membros da redação com passagem por *Fluir*) trazia uma reportagem sobre o esporte nas cidades gaúchas de São Leopoldo e Novo Hamburgo, intitulada... “Expedição Sul”. A repetição do nome dado às matérias realizadas numa região importante para os esportes radicais e relativamente próxima (em termos de Brasil) de São Paulo, sede das revistas citadas, fala por si.<sup>21</sup>

Um ano e meio depois, um leitor cobrou cobertura sobre a Bahia e recebeu resposta muito parecida:

19 “Cartas do Leitor”, *Fluir* n. 6, set 1984, p. 16.

20 “Expedição Sul”, Alberto C. Alves e Edison Leite, *Fluir* n. 7, dez 1984, p. 76-8.

21 *Fluir* n. 7, dez/1984. *Skatin’* n. 6, jun-jul/1989.



A FLUIR esteve recentemente na Bahia para cobrir o II Campeonato de Surf da Festa do Cacau, em Ilhéus, sendo que o nosso fotógrafo Motaury teve uma acolhida muito calorosa por parte de nossos amigos baianos. Veja nesta edição a cobertura deste evento, mas aguarde para breve uma matéria especial sobre a Bahia e o litoral nordestino.<sup>22</sup>

Embora isso nunca tenha sido dito ou assumido de forma clara, o Nordeste e o Sul estavam fadados a ser objeto de matérias *especiais* (sempre muito simpáticas e repletas de elogios a ondas, surfistas e povo), e, conseqüentemente, estavam alijados da pauta regular.

Em dezembro de 1987, a seção “Viagem” sugeriu como destinos Rio de Janeiro e Santa Catarina. Nova demonstração de que, apesar de se pretender nacional e de ter passado anos acusando a concorrente (*Visual*) de bairrismo, *Fluir* de fato destinava-se aos paulistas. Não por acaso, a agência de viagens que patrocina a seção localiza-se em São Paulo. Entre as recomendações, o lugar comum sobre a periculosidade da capital fluminense: “no Rio de Janeiro o maior motivo para apreensão é com relação aos furtos. Se resolver deitar para tomar sol, fique sempre com pelo menos um olho aberto, pois sua prancha poderá sumir do seu lado, principalmente se você optar pela praia do Pepino.”<sup>23</sup>

A face oposta da moeda é a ênfase dada aos paulistas. Desde o primeiro número, sua presença nas praias e competições recebeu grande atenção. Até ausência se destacava: “deve-se ressaltar a não-participação (pois chegaram no dia do evento, devido às dificuldades: o excesso de chuva que fez a estrada do litoral ficar em péssimo estado) dos irmãos Salazar e do Feio, surfistas que sempre mostram um bom nível técnico nas competições”.<sup>24</sup> Alex “Picuruta” Salazar, Almir Salazar e Luís “Feio” Sala eram paulistas.

A revista muitas vezes identificava os atletas brasileiros, em textos e legendas, pela praia (ou pico específico), localidade, município ou estado de origem – ou seja, marcas geográficas. Isto ocorre particularmente nos primeiros dois anos de publicação (1983-1985) e quando se trata de surfistas de São Paulo. Uma das primeiras matérias de viagem destaca a ida “de quatro

22 “Cartas do Leitor”, *Fluir* n. 13, jan 1986, p. 26.

23 “Viagem”, *Fluir* n. 26, dez 1987, p. 32.

24 *Fluir* n. 1, set-out/1983, p. 44-5.

surfistas paulistas ao paraíso do Surf Brasileiro”.<sup>25</sup> Em certos casos, a postura e o discurso adotados lembram um tom *colonizador*: “já em terra pudemos sentir o forte calor tropical [...]. Tudo lá é muito precário, o transporte é bastante difícil.”<sup>26</sup> Há referências a precariedade, falta de civilização, incômodo causado pelo clima tropical (de onde se pressupõe que quem escreve o texto habita região inserida em zona climática distinta)<sup>27</sup> e, por outro lado, exaltação a qualidades *naturais* do lugar (“o paraíso do surf brasileiro”<sup>28</sup>) e à simpatia de seus habitantes. Fernando de Noronha é apresentada como “o Caribe brasileiro”, mas que “é tão Brasil quanto aqui (coisa difícil de se lembrar, num local tão isento de preocupações)”.<sup>29</sup> Ou seja, pelas diferenças em relação às boas condições para o surfe no verão e ao ritmo de vida, o lugar nem parece o Brasil. Na prática, o texto é um relato de viajante, tipo clássico de fonte historiográfica.<sup>30</sup> Reforçam esta característica as fotografias abordando aspectos *pitorescos* e/ou dificuldades enfrentadas para a realização das matérias.

Contudo, no plano retórico, a publicação demonstrava preocupação de ir além das divisas de São Paulo:

[...] gostaríamos de solicitar a todas as Associações de Surf e de Vôo Livre, e também às Federações de Ciclismo (Diretorias Técnicas de Bicicross) de todo o Brasil, que nos enviassem seus calendários de eventos e promoções para 1984; para que possamos estudar e organizar uma COBERTURA NACIONAL, a mais ampla e abrangente possível, sem discriminações ou regionalismos.<sup>31</sup>

O trecho aponta a pretensão de se tornar um título de alcance efetivamente nacional, tanto na circulação quanto no conteúdo. Anos depois, a revista se vangloria de sua abrangência:

---

25 Aldhemar J. Freitas Filho (Deminha), “Fernando de Noronha”, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 16-21.

26 Aldhemar J. Freitas Filho (Deminha), “Fernando de Noronha”, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 18.

27 De acordo com o IBGE, a região metropolitana de São Paulo está toda inserida no clima Tropical Brasil Central, que compreende a totalidade de unidades federativas como RJ, ES, MG, GO e MS. “Mapa de Climas”, sítio do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), disponível em <http://mapas.ibge.gov.br/clima/viewer.htm>. Acesso em 16/6/2010.

28 *Fluir* n. 2, nov-dez/1983, p. 10.

29 “Noronha Revisitada”, Alfredo Bahia, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 50-2.

30 Inclusive pelo fato de ser, *de fato*, um relato de viagem produzido por um surfista, e não um texto produzido por um jornalista da redação.

31 “Editorial”, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 6.

Entrando em nosso quinto ano de existência como uma publicação, agora mensal, de grande penetração de Norte a Sul do país, inclusive em localidades que se situam longe da costa brasileira – além de ter seu reconhecimento internacional – como uma das melhores revistas de surf do mundo [...].<sup>32</sup>

Embora, no plano discursivo, *Fluir* se declarasse um “espaço aberto” e afirmasse a preocupação de mostrar todo o Brasil e chegar a todo o país, como tenho discutido, a cobertura é feita a partir de São Paulo e com foco no estado.

Considero que esta perspectiva permeia todo o conteúdo da publicação. Desdobro minha interpretação em dois níveis.

O primeiro se refere aos *pressupostos* que atravessam a produção de *Fluir* sobre o espaço, ao passo que o segundo remete à *naturalização* dos mesmos. Refiro-me à *cobertura centrada em São Paulo*, afirmação que pode ser entendida de duas formas: a) eleger o surfe e os surfistas paulistas como *principal assunto*; b) abordar o surfe e os surfistas de *fora de São Paulo* a partir de um olhar sediado em SP. No primeiro caso, a evidência (e conseqüência) principal é a ampla cobertura dedicada ao litoral paulista (incluindo competições) e às performances dos atletas do estado.<sup>33</sup> Como contrapartida, os demais surfistas e lugares recebem espaço proporcionalmente reduzido. Se São Paulo (e, em menor escala, o Rio de Janeiro) constitui o espaço/pauta regular, próximo e cotidiano, por contraste as demais unidades da federação receberão abordagem irregular e “especial” (eventual). O segundo aspecto converte o restante do Brasil e do mundo em lugares a serem visitados em viagens. Esta postura, por si mesma, tem impactos no jornalismo realizado, pois este necessariamente é fruto de um deslocamento e produz estranhamento. Por mais familiar que uma onda ou local do litoral brasileiro ou estrangeiro seja, ela é e será tratada, encarada, enquadrada, vista, apresentada, tomada, em alguma medida, como *alteridade*. A centralidade da capital paulista como referência pode ser percebida, por exemplo, no elogio ao caráter natural e rural das praias afastadas dos centros urbanos. Neste caso, a dicotomia *São Paulo x de fora* se

---

32 “Editorial”, *Fluir* n. 29, mar 1988, p. 11.

33 Curiosamente, tanto *Fluir* quanto Gutenberg (1989, p. 188) apontam como principal defeito das revistas *Realce* e *Visual* a cobertura focada no Rio de Janeiro.

superpõe a *urbano x rural*.

Num segundo nível, cabe destacar que estas diferenças sequer são discutidas – que dirá assumidas. O silêncio sobre as preferências editoriais e as escolhas e limitações intrínsecas à atividade jornalística naturaliza a assimetria no tratamento de São Paulo e das demais unidades da federação. No caso, *Fluir* atua em consonância com a postura hegemônica no jornalismo brasileiro: recusa a assumir suas características e discuti-las em público serve para mantê-las intocadas; comporta-se como se elas não existissem, naturalizando-as junto a si mesmo e ao público. Consequentemente, as *escolhas e limitações* que poderiam ser trazidas ao conhecimento dos leitores, como o fato de que uma cobertura sistemática e bem feita necessita de mão-de-obra (repórter e/ou fotógrafo) no local, são silenciadas. Como foi visto, mesmo quando leitores questionam a cobertura – e a revista se dispõe a publicar tais manifestações, postura incomum no jornalismo brasileiro – e reivindicam espaço sistemático, a resposta se resume a elogiar os lugares e pessoas que nele residem e prometer para breve uma matéria “especial”.

Ademais, em momento algum, a revista admite que sua cobertura é feita a partir de São Paulo e tem o estado como foco central. Resultado: a naturalização apresenta a abordagem de *Fluir* não como determinada por ênfases e características próprias – como, de resto, toda e qualquer produção jornalística –, mas como a *única e melhor* possível.

## Referências bibliográficas

- BOOTH, Douglas. *Australian Beach Cultures: The History of Sun, Sand and Surf*. London: Frank Cass, 2001.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. Definir o lugar; O lugar na “era das redes”. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 19-26, 27-38.
- CUNHA, Delgado Goulart da. *Pescadores e surfistas: uma disputa pelo uso do espaço da Praia Grande*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política, Universidade Federal Fluminense, 2000.
- DAMIANI, Amélia Luisa. O lugar e a produção do cotidiano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Novos caminhos da Geografia*. São Paulo: Contexto, 1999, p. 161-72.
- FONTENELLE, Isleide Arruda. O trabalho da ilusão: produção, consumo e

- subjetividade na sociedade contemporânea. *Interações*, v. X, n. 19, jan-jun 2005, p. 63-86. Disponível em [http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-29072005000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072005000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 13/11/2007.
- FORTES, Rafael. *O surfe nas ondas da mídia: um estudo de Fluir nos anos 1980*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, 2009. Disponível em [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=136037](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=136037). Acesso em 16/6/2010.
- GUTENBERG, Alex. *A história do surf no Brasil: 50 anos de aventura*. São Paulo: Grupo Fluir/Ed. Azul, 1989.
- MOREIRA, Ruy. O tempo e a forma: a sociedade e suas formas de espaço no tempo. *Ciência Geográfica*, Bauru, v. IV, n. 9, jan-abr 1998, p. 4-10.
- SANTOS, Milton. O espaço e seus elementos: questões de método; Estrutura, processo, função e forma como categorias do método geográfico. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985, p. 5-19, 49-59.
- SANTOS, Milton. MetrÓpole: a força dos fracos é seu tempo lento. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994, p. 81-86.
- SANTOS, Milton [org., apres. e notas de Wagner Costa Ribeiro]. *O país distorcido*. São Paulo: Publifolha, 2002.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 10<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SOUZA, Ana Maria Alves de. "Evoluindo": *mulheres surfistas na Praia Mole e Barra da Lagoa*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. Disponível em <http://www.tede.ufsc.br/teses/PASO0142.pdf>. Acesso em 27/12/2006.